

Os Falsos Mestres

Se as instruções de Pedro no capítulo 1 se dirigiram a falsos mestres que estavam perturbando os leitores do apóstolo, isso foi feito de modo sutil. Provavelmente ele escolheu aquelas palavras sabendo que elas diziam respeito a questões confrontadas pelas igrejas, mas ele deixou a cargo de seus leitores relacionar o seu ensino com aqueles que se opunham ao apóstolo. Havia falsos mestres nas igrejas que ameaçavam o âmago da doutrina cristã. A descrição dos mestres é semelhante em Judas. Observaremos as semelhanças lingüísticas à medida que aparecem no texto.

ALERTA CONTRA OS FALSOS MESTRES (2:1-3)

¹Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. ²E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade; ³também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme.

Versículo 1. Não existe uma ruptura nítida entre o fim do capítulo 1 e o começo do capítulo 2. Deus mandou profetas entre o povo de Israel. “Movidos pelo Espírito Santo” (1:21), eles falaram e escreveram a mensagem de Deus, mas Israel veio a descobrir que alguns homens, os quais alegavam ter uma mensagem de Deus, estavam servindo a si mesmos. Enquanto os profetas de Deus declaravam a Sua palavra, observou Pedro, **no meio do povo, surgiram**

falsos mestres. Jeremias e Ezequiel em particular enfrentaram “falsos profetas”. Jeremias advertiu: “Não deis ouvidos às palavras dos profetas que entre vós profetizam e vos enchem de vãs esperanças; falam as visões do seu coração, não o que vem da boca do Senhor” (Jeremias 23:16).

Uma vez que houve “falsos profetas no meio do povo” de Israel, não deveria nos surpreender que houvesse **também... falsos mestres** entre os primeiros leitores de Pedro. A diferença entre um “falso profeta” e um “falso mestre” é obscura. Talvez o apóstolo não quisesse exaltar seus adversários com a palavra “profeta”, mesmo precedida por “falso”. Há duas observações importantes a esta altura. A primeira é que, geralmente, as lutas mais difíceis enfrentadas pela igreja vêm de dentro dela mesma. As cartas de Paulo costumam ter pouco a dizer sobre evangelismo, sobre o que acontece na reunião, ou sobre o trabalho benevolente, por mais importante que estas coisas sejam. Em vez disso, as cartas paulinas tendem a focar duas áreas: as grandes doutrinas da fé cristã e os desafios que os adversários do apóstolo lançam contra essas doutrinas. A igreja enfrenta uma luta interminável para manter a integridade da doutrina e prática cristãs. Não é bom que os cristãos se simpatizem nem lamentem a presença de “falsos mestres” ou figuras imorais que querem usar o nome de Cristo. Devem desmascará-los e continuar a ensinar e pregar a verdade.

A segunda observação importante é que os ideais dos cristãos os tornam vulneráveis aos que querem explorá-los. O Senhor ensinou Seus seguidores a serem pessoas boas, a pensarem o melhor dos outros, a examinarem a si mesmos e a tratarem amigos e desconhecidos com a mesma gentileza e respeito. Desde o começo da igreja, apareceram charlatões que se aproveitaram da confiança e da caridade

dos cristãos¹. Quando só o dinheiro está em jogo, os discípulos podem optar por errar por serem generosos, mesmo quando suspeitam de que estão sendo explorados². Todavia, existem outros meios de se aproveitar da bondade da igreja. Também podem se infiltrar entre os discípulos aqueles que buscam poder pessoal ou aqueles cujas teorias pessoais negam o ensino bíblico. Jesus disse que o Seu povo teria como uma marca peculiar o amor uns pelos outros (João 13:35). Os verdadeiros crentes querem honrar essa diretiva. Por essa razão, é difícil quando precisam se posicionar contra aqueles que alegam fidelidade a Cristo apresentando, porém, palavras e conduta que negam o Senhor.

Gostaríamos de saber por que os “falsos mestres” em 2 Pedro estavam ameaçando, por que Pedro se opôs tão veementemente a eles, mas o apóstolo falou pouco sobre o que eles realmente estavam ensinando. O que ele realmente disse foi que esses falsos mestres se utilizavam de meios ilusórios e dissimulados para **introduzir heresias destruidoras**. Uma heresia é um ensino falso que causa divisão e corrói a fé cristã. Num sentido, “heresias destruidoras” é uma redundância. Uma heresia por natureza é destrutiva. Ela é destrutiva tanto para a igreja como para o mundo que a igreja quer alcançar com a mensagem de Cristo.

As doutrinas destrutivas dos “falsos mestres” combatidas por Pedro eram particularmente terríveis. Elas chegavam **ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou**. Em que sentido elas negavam o Senhor? No capítulo anterior, o apóstolo afirmou que os fatos ocorridos na transfiguração culminaram com uma voz da parte de Deus que disse: “Este é o Meu Filho Amado”. A filiação de Jesus e, conseqüentemente, Sua divindade, parece ser a questão. Para Pedro, a divindade de Cristo estava fora de discussão. É plausível concluir que os “falsos mestres” negavam a plena divindade, ou talvez a total humanidade, do Senhor; mas não podemos afirmar nada além disso.

Nossa curiosidade é frustrada. Se os “falsos mestres” negavam a divindade de Jesus, quem ou o que eles acreditavam ser Ele? Um sábio mestre? Um ser angelical divino em alguns aspectos, mas não

em todos? Pedro não disse isso. Para o apóstolo, negar a divindade de Cristo era negar que Ele “os resgatou”. É interessante que esta é a única referência à morte de Jesus em 2 Pedro, e é feita indiretamente. O poder redentor do sangue de Cristo é o que se destaca quando Pedro disse que o Senhor os resgatou. Ele os resgatou com o Seu sangue. O mesmo verbo usado aqui para redenção ou resgate (ἀγοράζω, *agorazo*) é usado semelhantemente em 1 Coríntios 6:20 e 7:23. Nesses casos, o resgate ou compra está implicitamente ligado ao sangue de Jesus na cruz. Não há menção da ressurreição de Jesus dos mortos em 2 Pedro, mas o Senhor ressurreto é Aquele que reina. Os “falsos mestres” provavelmente negavam que Jesus reinava à direita de Deus.

Resgatar ou redimir são ideias intimamente relacionadas. Foi na pessoa do Filho amado de Deus que Jesus pôde redimir as pessoas do pecado. Ao negar a divindade de Cristo, os “falsos mestres” negavam o Seu poder de resgatá-los ou comprá-los. Uma vez que negavam a confissão que repousa no âmago da doutrina cristã, os “falsos mestres” estavam **trazendo sobre si mesmos repentina destruição**. Pedro já qualificara os ensinamentos deles de “destruidores”³. Tais ensinamentos destroem outros e trazem destruição aos que os defendem. Se os leitores de Pedro seguissem os “falsos mestres”, a implicação é que trariam a mesma “repentina destruição” sobre si mesmos.

Versículo 2. Uma descrição geral do caráter dos “falsos mestres” emerge no curso da carta de Pedro, mesmo havendo pouca atenção para as doutrinas deles. O apóstolo entendia que as pessoas geralmente avaliavam a veracidade do que ouviam com base na análise do caráter de quem falava. Pela mesma razão que ele reforçou suas próprias credenciais no capítulo anterior, ele expôs o caráter pervertido dos que se opunham a ele. Eles não só toleravam práticas libertinas, mas parece com base em 2:19 que eles tentavam justificar o ato de seguir os apetites carnisais com alguma base doutrinária ou teórica. É mais fácil tolerar ou justificar desejos libertinos do que exercitar o domínio próprio. Não é difícil entender por que muitos **seguir[am]** os seus procedimentos ilícitos.

Quando a imoralidade é tolerada na igreja, especialmente quando ela é praticada pelos que alegam ser mestres, o dano não se restringe apenas aos mestres. Todo o corpo sofre. O próprio Senhor sofre. **E, por causa deles, será infamado o caminho da verdade**. Pedro não hesitou em chamar as dou-

¹Luciano de Samosata, *A Passagem do Peregrino* 11–15.

²No que tange à caridade, a generosidade pode não ser o único fator em consideração. Em alguns casos, pode haver um prejuízo positivo na distribuição indiscriminada de dinheiro. Ademais, os cristãos são despenseiros ou administradores de bens. Eles são orientados a usá-los sabiamente.

³O grego diz literalmente “heresias de destruição”.

trinas e o modo de vida que os cristãos seguiam de “o caminho da verdade”. Anteriormente, ele alega que seus leitores estavam “confirmados na verdade” (1:12). Havia uma razão para Pedro escrever “o caminho da verdade” em vez de simplesmente “a verdade”, ou se tratava apenas de uma variação linguística? Provavelmente, a segunda opção está certa. Ainda assim, “o caminho” sugere que a verdade não deve ser reduzida a uma ideia abstrata. A verdade é mais do que um conjunto de doutrinas a serem afirmadas; é uma estrada a ser trilhada. Confessar Cristo é estar no “caminho de Deus” (Atos 18:26), “o caminho da paz” (Romanos 3:17; NVI), “um novo e vivo caminho” (Hebreus 10:20) e “o caminho de justiça” (2 Pedro 2:21).

Os ensinamentos e práticas dos crentes os unem como um povo. Estar em Cristo é necessariamente estar em Seu corpo. Quando uma parte do corpo sofre, todos sofrem. A igreja é infamada ou caluniada, e nesse processo o próprio Senhor é infamado, quando os que usam o Seu nome cedem aos prazeres sensuais que destroem e humilham seus semelhantes.

Já era de se esperar que o corpo de Cristo fosse blasfemado falsamente pelo mundo pagão. É estranho que os cristãos sejam infamados por causa de um comportamento que o mundo prontamente tolera entre os seus párias. Até os descrentes elevam os cristãos a um padrão de vida santo. Os cristãos precisam estar cientes de que os descrentes sempre estarão propensos a pintar toda a igreja com o mesmo pincel que utilizam para os falsos mestres. Os ímpios julgam toda a igreja por seus membros mais fracos.

O segundo capítulo desta carta corre o risco de tornar-se enfadonho à medida que o leitor acompanha os ataques veementes do apóstolo contra o caráter e os meios usados pelos que estavam deturpando o ensino cristão. O segundo capítulo causa assim certo desconforto e tédio ao leitor. Todavia, não devemos ignorar que, num sentido, as admoestações do apóstolo estão entre as mais práticas de todo o Novo Testamento. O que Pedro deixou claro foi que os cristãos não deveriam tolerar os falsos mestres. Não deveriam permitir que eles se infiltrassem na igreja e deturpassem seu estilo de vida e seus preceitos. Enquanto houver os que corrompem o ensino cristão em nome de Cristo, enquanto houver os que exploram o povo cristão, a igreja encontrará uma orientação segura em 2 Pedro. As questões tratadas na carta não são irrelevantes; elas não desapareceram.

Versículo 3. Além de se entregarem a “paixões carnis” (2:18), os que estavam perturbando as igre-

jas eram **movidos por avareza**. Estavam prontos para usar de meios perspicazes e dissimulados para atingirem seus objetivos. Pedro advertiu: **Farão comércio de vós, com palavras fictícias**. Pedro já tinha dito três coisas sobre os falsos mestres: 1) Eles negavam o Senhor. 2) Eram dados a paixões carnis. 3) Eram movidos por avareza. Os charlatães se aproveitam das necessidades e fraquezas humanas. A exploração está em toda parte. Alguns exploram o desejo de saúde física fingindo serem médicos ou ter algum remédio miraculoso. Os crentes não devem se surpreender com o fato de muitos movidos por avareza transformarem a religião num negócio lucrativo. Conciliando promessas de libertação de restrições morais com histeria coletiva, os falsos mestres conseguem facilmente a atenção do público.

Pedro já tinha dito que os falsos mestres estavam “trazendo sobre si mesmos repentina destruição”. Agora, acrescentava com maior ênfase: **Para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme**. O apóstolo personificou “juízo” e “destruição” atribuindo-lhes ações humanas. Os gregos levavam a personificação ao ponto da idolatria. *Eros* (ἔρως) não era só o amor físico com uma pesada dose de sensualidade, mas também era o nome de um deus jovem e brincalhão, um filho de Afrodite, que saía a despertar o amor nos outros. Semelhantemente, a consorte do deus de cura Asclépio era às vezes uma deusa convenientemente denominada Saúde (Ἰγίεια, *Hugieia*).

Para Pedro, a personificação era apenas uma figura de linguagem, uma forma dramática de afirmar uma coisa. Sempre foi da vontade de Deus (ἐκπαλαί, *ekpalai*) que na era escatológica indivíduos como os falsos mestres sejam julgados e destruídos. “Não se enganem com o destino dos falsos mestres”, assegurou Pedro aos seus leitores. Os propósitos divinos estão a caminho de serem realizados. Deus está ativo no mundo. O juízo final “não tarda”, nem “dorme”. Nos versículos seguintes, Pedro relacionou exemplos em que o julgamento de Deus veio a se realizar. Como em 3:9, Pedro incentivou os que confundiram a paciência de Deus com indiferença ou abandono a avaliarem o julgamento que Ele trouxe ao mundo no passado.

A CERTEZA DO JULGAMENTO DE DEUS (2:4–10A)

4Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entre-

gou a abismos de trevas, reservando-os para juízo; ⁵e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios; ⁶e, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, ordenou-as à ruína completa, tendo-as posto como exemplo a quantos venham a viver impiamente; ⁷e livrou o justo Ló, afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados ⁸(porque este justo, pelo que via e ouvia quando habitava entre eles, atormentava a sua alma justa, cada dia, por causa das obras iníquas daqueles), ⁹e porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e reservar, sob castigo, os injustos para o Dia de Juízo, ¹⁰especialmente aqueles que, seguindo a carne, andam em imundas paixões e menosprezam qualquer governo.

Este longo período gramatical de fato não tem um fim definitivo. Ele termina no versículo 10, quando Pedro muda o foco para mais descrições dos falsos mestres. Apresentando uma série de orações condicionais (introduzidas pela conjunção “se” implicitamente), o apóstolo argumentou que o mesmo Deus que executou o julgamento no passado era plenamente capaz de fazê-lo novamente. Os paralelos com Judas são evidentes. Se Deus não poupou a anjos, se Ele não poupou o mundo de Noé, se Ele não poupou Sodoma e Gomorra... Esperávamos que a frase continuasse: “Ele não vai poupar os falsos mestres. Eles também serão julgados”. Pedro não disse isso, mas está suficientemente implícito.

Versículo 4. Os leitores devem ser cautelosos ao desenvolver uma teoria sobre os anjos com base neste versículo; sem mencionar uma teoria sobre a origem de Satanás. O assunto dos anjos é incidental aqui; o julgamento ou juízo divino é o tema em questão. Pedro não apresentou uma teologia de como os anjos agem na relação entre Deus e o homem. Ele não disse nada sobre a criação dos anjos nem os tipos de pecado que os levaram ao julgamento. Na melhor das hipóteses, podemos dizer que a menção de anjos é um convite para o leitor levantar perguntas sobre eles.

Sejamos sinceros em admitir que anjos, demônios e Satanás são enigmas na Bíblia. Tanto a palavra hebraica מַלְאָכִים (*mal'ak*) como a palavra grega ἄγγελος (*angelos*) são termos genéricos que significam “mensageiro”. Ocasionalmente, Deus mandou mensageiros a certas pessoas. Alguns anjos receberam até nomes: Miguel e Gabriel. Não há muito

mais a dizer. Todavia, isso não impediu que pessoas com uma mente fértil para especulações dissessem muito mais. Algumas dessas mentes suspeitam que quando Jó e certos salmos se referem a um concílio no céu, essas afirmações devem ser entendidas literalmente. A colocação dos anjos numa cadeia hierárquica como querubins e serafins é pura especulação. Os mensageiros de Deus aparecem no decorrer da narrativa bíblica. Tudo indica que esses seres existem. Isso é tudo o que sabemos.

Em 2 Pedro 2:4 não aparecem as palavras “diabo” nem “Satanás”⁴. Apesar disso, o versículo já foi citado para explicar a origem dele. Alimenta-se há muito tempo uma tradição de que Satanás era um anjo cujo orgulho levou-o a rebelar-se contra Deus. Ainda não se acharam afirmações bíblicas que confirmem isso. Apocalipse 12 contém uma linguagem altamente figurada e visionária. É difícil extrair dali uma afirmação coerente sobre a origem de Satanás. Quando Jesus disse que viu “Satanás caindo do céu como um relâmpago” (Luca 10:18), o contexto deixa claro que Ele se referia à derrota espiritual de Satanás, ocasionada pela obra dos setenta. Passagens como Ezequiel 28 falam do julgamento divino sobre Tiro. Embora haja alusões ao jardim do Éden no capítulo, é fantasioso enxergar ali referências à origem de Satanás. Assim como os anjos, Satanás simplesmente aparece na Bíblia. Como Satanás está relacionado com o pecado humano ou como ele o causa é algo obscuro. Independentemente do que ele faz, sua atuação não isenta o homem de responsabilidade.

O que podemos dizer sobre o assunto é que em algum lugar e momento, anjos pecaram. Se Pedro estava citando um incidente bíblico em que anjos pecaram, Gênesis 6:1–4 seria o melhor palpite. Pouco antes do dilúvio, Gênesis registra que “vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres”. É nesse contexto que se observa a perversidade da criação. A consequência foi que Deus mandou o dilúvio. Embora a palavra “anjo” não seja usada em Gênesis 6, “filhos de Deus” poderia se referir a seres celestiais como também em Jó 1:6.

Existem outras considerações geralmente ci-

⁴A palavra hebraica שָׂטָן (*śatan*) significa “acusador” ou “adversário”. A palavra grega δῖβολος (*diabolos*) significa “enganador,” uma tradução aproximada da palavra hebraica. A maioria das traduções usa inicial minúscula em “diabo”, considerando a palavra um termo genérico, e inicial maiúscula em “Satanás”, sugerindo ser esse o nome próprio do diabo.

tadas para dar apoio à conclusão de que os anjos de Pedro são equivalentes de “os filhos de Deus” citados em Gênesis 6:2. No período do Novo Testamento, os rabinos mostraram muito interesse, quase uma fixação, pelos “filhos de Deus” de Gênesis 6:2. Há uma obra interessante, redigida nesse período, chamada 1 Enoque, que dá vivacidade à narrativa de Gênesis 6. Visto que 1 Enoque é citado por Judas, podemos afirmar que tanto Pedro como Judas conheciam esse livro. Ademais, Pedro citou o julgamento que sobreveio ao mundo no tempo de Noé três vezes em suas duas cartas (1 Pedro 3:20; 2 Pedro 2:5; 3:6). O incidente sobre os “filhos de Deus” inicia o capítulo em que o dilúvio é apresentado.

No fim as evidências não são conclusivas. Pedro poderia ter os “filhos de Deus” mencionados em Gênesis 6 em mente quando disse que anjos foram lançados no inferno. Nesse caso, é difícil pensar em outra passagem do Antigo Testamento em que anjos pecadores são o assunto. Judas também fez alusão ao julgamento que sobreveio a certos anjos, mas ele acrescentou que eles caíram porque não estavam satisfeitos com o lugar que Deus lhes conferiu. Judas não deu mais detalhes do que Pedro sobre as circunstâncias específicas por trás dos pecados desses anjos.

Pedro disse: **Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno.** A palavra traduzida por “precipitando-os no inferno” (ταρταρώ, *tartaroo*) é um verbo que significa “despachar para o Tártaro”. É usada somente neste versículo do Novo Testamento. Na literatura pagã, Tártaro era a parte do submundo para onde foram lançados os Titãs, ancestrais dos deuses de Olimpo. Pedro provavelmente escolheu essa palavra porque seres super-humanos, neste caso anjos, eram o assunto. Presume-se que ele teria dito que os seres humanos perversos foram lançados no Hades.

Alguns manuscritos dizem que os anjos foram presos “com correntes [σειραῖς, *seirais*] de trevas”, e outros “em abismos [σιροῖς, *sirois*] de trevas”. A RA segue a segunda opção: **os entregou a abismos de trevas.** A diferença é insignificante. A referência a “correntes” ou “abismos” é claramente uma metáfora. Usar correntes ou abismos literais em seres espirituais não faz sentido. O **juízo** que os anjos aguardam parece ser o mesmo que sobrevirá a todos perante Deus na volta do Senhor.

Versículo 5. O apóstolo permaneceu focado no juízo que certamente viria contra os falsos mestres. Se Deus não poupou anjos, tampouco **poupou o mundo antigo.** Em Gênesis 6, a narrativa do dilúvio vem

imediatamente após a descrição dos filhos de Deus que desposaram as filhas dos homens. Conforme mencionamos acima, a sequência de fatos dá alguma sustentação à sugestão de que os “anjos” de 2:4 equivalem aos “filhos de Deus” em Gênesis 6. Como Pedro, Judas fez alusão a três exemplos em que Deus julgou a injustiça. Dois deles são os mesmos, porém Judas usou o julgamento de Deus sobre Israel no deserto, no lugar da história do dilúvio (Judas 5). Pedro referiu-se ao dilúvio como juízo de Deus tanto aqui como em 3:5 e 6; Judas não mencionou o dilúvio.

Pedro seguiu a tradição judaica e cristã quando chamou Noé de **pregador da justiça.** É razoável pensar que Noé sofreu com toda a impiedade que viu. Podemos imaginá-lo tentando persuadir seus contemporâneos a abandonarem a conduta iníqua e viverem na justiça. Todavia, em Gênesis é Deus, e não Noé, que sofreu com o estado a que os homens se permitiram chegar.

Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então, se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração (Gênesis 6:5, 6).

Mais adiante o texto registra: “Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra” (Gênesis 6:12).

Em Gênesis, não há referência a alguma pregação feita por Noé. Ele é descrito como um homem justo. Ele foi fiel quando Deus o incumbiu de construir uma arca. Para Pedro, a pregação de Noé não era um fator central. O julgamento de Deus é que estava em questão. Os falsos mestres que perturbavam as igrejas citados por Pedro fariam bem se prestassem atenção ao julgamento exigido por Deus sobre o mundo pré-diluviano.

A RA, assim como a maioria das traduções, parafraseia o grego, quando Pedro disse que Deus **preservou a Noé... e mais sete pessoas.** Literalmente, o grego diz: “Deus preservou Noé, o oitavo”. Em 1 Pedro 3:20, o apóstolo também se referiu a “oito pessoas” que foram salvas do dilúvio. No relato de Gênesis, esses oito indivíduos são Nóe, sua esposa, seus três filhos e as respectivas esposas (Gênesis 8:18). Richard J. Bauckham acreditava que o apóstolo teve o cuidado de usar o número “oito” devido à sua importância simbólica. Os cristãos primitivos pensavam na era por vir como um oitavo dia, um dia acrescentado aos dias da criação narrada em Gê-

nesis 1 e 2. E falavam do domingo como “um oitavo dia”, um dia separado do resto da semana⁵.

Quanto ao resto da humanidade, Deus **fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios**. Deus Se manifestou como Aquele que exige justiça ao mandar o dilúvio. O mesmo Deus que julgou o mundo daqueles dias julgará o mundo novamente. Os leitores de Pedro não deveriam ignorar o fato de que Deus poupou os oito. Quanto aos anjos que pecaram, nenhum foi poupado. Quando o dilúvio caiu, Deus resgatou os bons. Quando o juízo final vier, Deus certamente separará os fiéis da morte como fez com Noé. Assim como Noé, Deus esperava que os leitores de Pedro fossem pregadores da justiça. A destruição do mundo pré-diluviano corresponde à destruição dos anjos que pecaram. O resgate dos oito contribuiu para algo novo.

Versículo 6. Como Pedro já havia predito, ele extraiu de Gênesis um terceiro exemplo do juízo divino. Assim como condenou os anjos que pecaram e o mundo pré-diluviano, Deus **reduzi[u] a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra**. Sodoma e Gomorra recebem uma considerável atenção na Bíblia. Depois do registro de sua destruição em Gênesis 19, Moisés e os profetas citaram as duas cidades para Israel como exemplos de ímpios julgados por Deus (Deuteronômio 29:23; 32:32; Isaías 1:9, 10; 3:9; 13:19; Jeremias 23:14; 49:18; 50:40; Lamentações 4:6; Ezequiel 16:46–56; Amós 4:11; Sofonias 2:9). Em Mateus e Lucas, há cinco referências a Sodoma e Paulo mencionou-a uma vez (Romanos 9:29).

Tanto Pedro como Judas mencionaram essas cidades para ilustrar a certeza do juízo divino. Documentos que sobreviveram ao período do Novo Testamento de fontes judaicas e cristãs citam, com frequência Sodoma e Gomorra como exemplos do julgamento ou juízo divino sobre os ímpios. Flávio Josefo afirmou ter visto a coluna de sal em que a mulher de Ló foi transformada⁶. Pedro referiu-se à maldade das cidades em termo gerais, mas Judas citou especificamente o homossexualismo (veja os comentários sobre Judas 7). A cidade deixou sua impressão na língua portuguesa através da palavra “sodomita”.

Pedro foi específico quanto ao julgamento de Deus sobre essas cidades. Deus as destruiu: **ordenou-as à ruína completa**. Tradicionalmente, os judeus localizam Sodoma e Gomorra na região do mar Morto.

A terra ao redor do mar Morto é salgada, seca e estéril. Tem uma aparência mesmo de cinzas. Um geógrafo antigo, contemporâneo de Pedro, descreveu a região em torno do mar Morto como uma “terra de cinzas”. Ele usou para “cinzas” uma palavra semelhante ao verbo usado por Pedro (τεφρώω, *tefroo*)⁷. Como Jesus em Lucas 17:26–30, o apóstolo usou o mundo de Noé para ilustrar o julgamento divino através da água e as cidades de Sodoma e Gomorra, para ilustrar o julgamento divino através do fogo.

O que aconteceu com Sodoma e Gomorra serve de **exemplo a quantos venham a viver impiamente**. A palavra traduzida por “exemplo” (ὑπόδειγμα, *hupodeigma*) pode se referir a um exemplo positivo que se deve imitar, ou a um exemplo negativo que se deve evitar. O contexto determina o significado. É interessante que quando Jesus é descrito como exemplo para os cristãos (1 Pedro 2:21), o autor empregou uma palavra grega diferente, mais precisa para um exemplo positivo. Pedro tinha os falsos mestres em mente quando disse que “quantos venham a viver impiamente” deveriam prestar atenção ao julgamento que Deus trouxe sobre Sodoma e Gomorra.

Versículo 7. Quando o assunto de Pedro foi o mundo em que Noé viveu, ele suavizou o lembrete do julgamento catastrófico lembrando seus leitores que Deus preservou os oito fiéis. Semelhantemente, quando Deus mandou fogo do céu sobre Sodoma e Gomorra, Ele **livrou o justo Ló**. O raciocínio é que assim como Deus livrou os fiéis no passado, Ele livraria os fiéis quando os falsos mestres fossem julgados. Todavia, Pedro parece ter se aprofundado na exposição sobre Ló sem completar o raciocínio.

Este versículo faz parte de um período gramatical longo e complexo, iniciado em 2:4: “Ora, se Deus não poupou...” No versículo 7, pode-se inferir novamente a conjunção “se”, que pressupõe um implícito “então” em 2:9 e a conclusão da oração condicional. Esperava-se que o “se” condicional de 2:4 resultassem num “então Deus não poupará os falsos mestres” (os mesmos mestres citados em 2:1–3), mas Pedro jamais completou esse raciocínio. Em vez disso, sua menção de Ló dá início a uma digressão que o levou para outra direção.

É estranho que Pedro tenha chamado Ló de “justo” e dito que ele fora **afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados**. Quando lemos a história de Ló em Gênesis 13:1–13, “justo” não é o adjetivo que nos vem à mente. O tio de Ló, Abrão,

⁵Richard J. Bauckham, *Jude, 2 Peter*, Word Biblical Commentary, vol. 50. Waco, Tex.: Word Books, 1983, p. 250.

⁶Flávio Josefo, *Antiquidades* 1.11.4.

⁷Strabo, *Geografia* 16.2.44.

deu ao sobrinho a oportunidade de escolher para onde queria levar seu rebanho. Ló escolheu o fértil vale do Jordão. Ele “ia armando as suas tendas até Sodoma” (Gênesis 13:12), apesar da perversidade da cidade.

Talvez Pedro tenha chamado Ló de “justo” porque se lembrou da hospitalidade por ele demonstrada para com os anjos (Gênesis 19:1–3). E o aviso de Deus para Ló deixar a cidade por causa do iminente julgamento de Deus implica que o sobrinho de Abraão não fora completamente corrompido por aquela gente. Por fim, devemos confiar nas palavras de Pedro. Pedro revelou algo sobre Ló que não saberíamos lendo apenas Gênesis. Em Gênesis, não há indício de que Ló estava sendo “afligido” pelo comportamento de seus vizinhos. Todavia, sua conduta justa é uma boa explicação do porquê Deus o preservou da destruição que sobreveio àquela terra.

Versículo 8. Talvez seja porque Ló nem sempre é apresentado de modo favoravelmente em Gênesis que Pedro discorreu um pouco mais acerca de sua conduta justa. A **alma justa** de Ló estava sendo **atormentada** pelas coisas **que via e ouvia**. Em vez de olhar com passividade para a impiedade do povo de Sodoma, Ló ficou atormentado com a conduta deles. Ele se sentia sobrecarregado quando tinha que ver e ouvir as coisas terríveis que se passavam à sua volta.

De modo semelhante, os leitores de Pedro tinham de viver num mundo em que a crueldade, a sensualidade e a idolatria eram comuns. A mensagem implícita do apóstolo é dupla: 1) Deus julga os ímpios, mas livra os fiéis. 2) Os cristãos não devem condescender com o pecado do mundo, ou participarem do julgamento reservado para os impiedosos. Aprendendo com o exemplo de Ló, os cristãos não devem olhar para o pecado como uma coisa casual ou comum. Ló escapou da morte quanto fugiu de Sodoma, mas ele não escapou de todas as consequências de ter morado entre uma gente ímpia. Ele perdeu a esposa e todos os seus bens. Há consequências quando flertamos com o pecado, mesmo quando Deus preserva o pecador da destruição final.

Versículo 9. Finalmente, chegamos ao fim do longo período iniciado em 2:4; ainda que o fim não seja o que esperávamos. A frase começa com julgamento e termina com a preservação dos piedosos e condenação para os impiedosos. Visando assegurar seus leitores de que Deus não ignorava os feitos dos falsos mestres que perturbavam as igrejas, Pedro recordou três exemplos das Escrituras, nos quais Deus julgou os ímpios: 1) os anjos que pecaram, 2) o

mundo pré-diluviano da época de Noé e 3) Sodoma e Gomorra. Nos dois últimos casos, ele também citou o livramento de Deus: **O Senhor sabe livrar da provação os piedosos**. “Provação” (πειρασμός, *peirasmos*) sugere tribulações. Noé enfrentou tribulação quando se achou entre um povo cujo coração era continuamente instigado só para o pecado. Ló enfrentou tribulação quando sua alma foi atormentada pelos atos ilícitos de seus vizinhos. Em cada caso, Deus livrou o justo quando sobreveio a destruição.

Nem todos encontram forças e determinação para resistir às tribulações. Jesus ensinou Seus discípulos a orar: “E não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal” (Mateus 6:13). Os falsos mestres iriam persuadir alguns dos leitores de Pedro. Alguns deles abandonariam a fé em Jesus. Aos que confiassem no Senhor, ouvissem o testemunho apostólico de Pedro, resistissem à tentação, haveria livramento. Deus não livrou Noé magicamente de seus semelhantes impiedosos. Pela fé Noé construiu uma arca (Hebreus 11:7). O livramento tem um custo para quem o recebe. Deus livrou Ló da pecaminosa Sodoma, mas, no processo, Ló perdeu a esposa e toda a sua riqueza. A ironia é que ele havia escolhido viver no vale do Jordão porque esperava aumentar seu patrimônio. No fim, ele não ficou com nada. O livramento divino proporcionado a Ló teve um custo. Deus não promete que o livramento será fácil. Ele livra através dos esforços ativos de quem é liberto. O pecado impõe um preço mesmo quando Deus “livra da provação os piedosos”.

A justiça de Deus ao lidar com as questões humanas nem sempre é imediatamente visível. A convicção que Pedro demonstrou aos seus leitores era de que Deus estava ciente da injustiça que eles estavam sofrendo. E Ele estava ciente dos caminhos pervertidos dos falsos mestres. Deus sabe como livrar. Ele também sabe **reservar, sob castigo, os injustos para o Dia de Juízo**. É essencial à fé cristã afirmar que o Senhor – que veio como Salvador, morreu na cruz e ressurgiu para reinar à destra de Deus – vai voltar. “Assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O aguardam para a salvação” (Hebreus 9:28). Quando Jesus Cristo aparecer pela segunda vez, todo olho O verá e “toda língua confessará” (Filipenses 2:11). Nessa hora, Deus julgará os impiedosos. A justiça de Deus finalmente prevalecerá; porém, enquanto Ele não vem, haverá provações no mundo. A certeza de Pedro é que mesmo agora, enquanto Cristo

não vem, Deus livra os piedosos.

Versículo 10a. A divisão do Novo Testamento em capítulos e versículos foi feita por um editor francês chamado Stephanus, no século XVI. Na maioria dos casos, as divisões foram lógicas, facilitando a leitura. Em alguns casos, porém, ele separou um versículo, ou até um capítulo, bem no meio de um raciocínio. Segunda Pedro 2:10 é um exemplo dessa falha. Trataremos a primeira parte do versículo aqui e o restante na próxima seção.

Pedro já havia declarado em termos gerais que Deus sabe como “reservar os injustos para o Dia do Juízo”. Aqui, ele se voltou especificamente para os falsos mestres que conviviam com os crentes. Ele acusou esses mestres injustos de dois erros: 1) **Seguindo a carne**, eles **andam em imundas paixões** e 2) **menosprezam qualquer governo**. O apóstolo usou palavras fortes para a primeira acusação. Literalmente, o texto diz: “Especialmente aqueles que seguem a carne com desejos de profanação”. Sodoma acabara de ser citada por Pedro. Diferente de Judas, Pedro não se referiu diretamente ao homossexualismo da cidade, mas a linguagem aqui empregada contém todos os traços de sodomia. Essas palavras deram início a um ataque desferido pelo apóstolo contra o estilo de vida dos falsos mestres.

O texto não esclarece totalmente que “governo” ou “autoridade” (NVI) os falsos mestres “menosprezavam”. A palavra grega *κυριότης* (*kuriotes*) sugere autoridade senhoril, talvez a autoridade de Deus, ou a autoridade de Seus emissários, os anjos. Embora Pedro já tivesse citado anjos que pecaram (2:4) e voltasse a citá-los nos versículos seguintes, não há indicação de que os falsos mestres tivessem alguma fixação por anjos ou pela autoridade de anjos. Sabendo da importância dos anjos no posterior movimento gnóstico, aqueles que presumem que os falsos mestres tinham tendências gnósticas são propensos a entender que essas autoridades são angelicais. Considerando que Pedro acusou os falsos mestres de agirem com arrogância e insolência (2:10b, 18), provavelmente ele se referia ao fato de rejeitarem a autoridade do próprio Cristo ou a autoridade que Cristo delegou aos apóstolos. Os falsos mestres menosprezavam os ensinamentos inspirados pelo Espírito revelados através dos mensageiros de Deus.

O CARÁTER DOS FALSOS MESTRES (2:10B–16)

^{10b}**Atrevidos, arrogantes, não temem difamar**

autoridades superiores, ¹¹ao passo que anjos, embora maiores em força e poder, não proferem contra elas juízo infamante na presença do Senhor. ¹²Esses, todavia, como brutos irracionais, naturalmente feitos para presa e destruição, falando mal daquilo em que são ignorantes, na sua destruição também hão de ser destruídos, ¹³recebendo injustiça por salário da injustiça que praticam. Considerando como prazer a sua luxúria carnal em pleno dia, quais nódoas e deformidades, eles se regalam nas suas próprias mistificações, enquanto banqueteam junto convosco; ¹⁴tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado, engodando almas inconstantes, tendo coração exercitado na avareza, filhos malditos; ¹⁵abandonando o reto caminho, se extraviaram, seguindo pelo caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça ¹⁶(recebeu, porém, castigo da sua transgressão, a saber, um mudo animal de carga, falando com voz humana, refreou a insensatez do profeta).

Depois de assegurar que o juízo divino sobre os falsos mestres certamente aconteceria, o apóstolo passou a atacar totalmente o caráter deles. Gostaríamos de saber mais sobre o que eles ensinavam. A iluminada cultura ocidental gosta de explorar os fatos, evitando o assassinato de personalidades. No mundo antigo, a pessoa e a mensagem tinham uma relação mais próxima.

Versículo 10b. A primeira coisa que Pedro censurou foi os falsos mestres se julgarem investidos de autoridade e os outros não. Eles eram **atrevidos** e **arrogantes**. O começo do pecado é o orgulho auto-suficiente. Entre outras coisas, a piedade requer humildade para aprender com os irmãos e irmãs. Os falsos mestres de 2 Pedro não foram os últimos a confiar em suas próprias “revelações” de Deus, menosprezando a instrução da Bíblia e de cristãos mais sábios, mais maduros, que poderiam conduzi-los ao caminho certo.

Como exemplo dessa conduta “atrevida” e “arrogante”, Pedro afirmou que os falsos mestres **não temiam difamar autoridades superiores**. As traduções deste trecho variam. ANVI diz “não têm medo de difamar os seres celestiais”. O texto grego diz literalmente: “Não temem quando blasfemam as glórias”. O que são “as glórias”? A palavra “glória” (*δόξα*, *doxa*) é rara no plural. Ela pode, mas não necessariamente, se referir a seres celestiais. Em alguns casos, é usada para pessoas ilustres. Em 1 Pedro 1:11, o plural parece denotar coisas gloriosas. Pedro pro-

vavelmente falava dos falsos mestres blasfemarem contra a autoridade dos apóstolos e de outros líderes da igreja. O contexto evidencia que “as glórias” referem-se aos que ocupam posições respeitadas na liderança da igreja, e não a anjos. A igreja, disse Paulo, foi “edificad[a] sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Efésios 2:20). O problema com os falsos mestres era que eles não respeitavam os líderes da igreja a quem Cristo confiara a Sua palavra. Anjos são citados no versículo seguinte, mas não no versículo 10.

Versículo 11. Os falsos mestres presumiam que tinham prerrogativas que nem os anjos tinham. Eles insultaram os líderes espirituais da igreja, **ao passo que anjos, embora maiores em força e poder, não proferem contra elas juízo infamante na presença do Senhor.** O argumento é construído da premissa menor para a maior⁸. Se anjos seriam considerados errados por emitir tal julgamento, quanto mais os falsos mestres! Esta é a primeira menção de anjos desde 2:4. Eles apareceram para ilustrar a arrogância dos falsos mestres que se opunham à autoridade apostólica. Não são eles as “autoridades superiores”, ou seja, “as glórias”, citadas em 2:10.

“Maiores” é um termo comparativo, mas não está claro no texto original a quem Pedro queria comparar os anjos. Eram os anjos “maiores em força e poder” do que as “glórias”? Eram maiores do que os líderes da igreja, ou eram maiores do que os falsos mestres? Apesar de nem ser preciso dizer que os anjos eram maiores do que os falsos mestres, provavelmente era isso que o apóstolo pretendia dizer. A comparação revela o atrevimento dos falsos mestres, que proferiam acusações blasfemas contra alguns líderes da igreja.

A quem Pedro se referia quando disse que anjos “não proferem contra elas juízo infamante na presença do Senhor”? Dependendo da identificação das “glórias” em 2:10, o referente do pronome “elas” varia. Se aceitarmos a tradução da NVI, “glórias” seriam “os seres celestiais”. A tradução inglesa *New American Standard Bible* permite a seguinte interpretação: “Os falsos mestres não hesitam infamar majestades angelicais, ainda que os próprios anjos não levantem julgamentos infamantes contra os falsos mestres”. Todavia, se entendermos que “glórias” [“autoridades superiores”] são os líderes da igreja,

como de fato acreditamos, o sentido será: “Os falsos mestres não hesitam infamar os líderes da igreja, ainda que os anjos não levantem julgamentos infamantes contra os líderes da igreja”.

Versículo 12. A seguir, o apóstolo despejou um jato de termos insultuosos e severos contra os falsos mestres sem precedente no texto bíblico, exceto talvez nas passagens paralelas de Judas. Parece que Pedro estava fazendo com os falsos mestres exatamente o que ele acabara de condenar que se fizesse contra ele e contra outros líderes da igreja. Ele emitiu juízos infamantes contra eles. Esses falsos mestres, disse o apóstolo, eram como **brutos irracionais**. Eram animais **naturalmente feitos para presa e destruição**. Para Pedro, a motivação dos falsos mestres, o comportamento que exibiam, e o conteúdo de seu ensino eram inseparáveis. Ele os avaliou como um todo, pelo que era e pelos efeitos que produziam. Obstinação, deixaram de agir pela razão. A única maneira de lidar com eles era confrontá-los como a “criaturas irracionais” (NVI). A razão era inútil para eles. Eram como feras selvagens que só entendiam pela força. Não havia delicadeza neles. Serviam a seus próprios prazeres.

Há ocasiões em que é preciso contestar e ponderar com os que são jovens na fé e buscam respostas. Alguns só serão salvos quando irmãos mais maduros na fé os arrancarem, “arrebatando-os do fogo” (Judas 23). Os mestres que Pedro confrontava haviam se solidificado em sua rebeldia. Eles caçoavam das ordenanças sagradas da fé, **falando mal daquilo em que [eram] ignorantes**. Defendiam com arrogância um estilo de vida libertino, isento de restrições. Só restava confrontá-los no mesmo campo que eles escolheram, um campo em que não havia espaço para a razão. No último dia, quando o Senhor voltar, “brutos irracionais”, criaturas “guiadas pelo instinto” (NVI), perecerão. Ao mesmo tempo, os falsos mestres, **na sua destruição também hão de ser destruídos**. Ainda que tivessem causado certa destruição na igreja, o fim deles era certo.

Versículo 13. A palavra inicial deste versículo, conforme o texto que temos hoje, é diferente nas cópias antigas e escritas à mão do Novo Testamento grego. A ARIB, a NVI e a RC seguem o texto que apresenta a palavra *κομιούμενοι* (*koioumenoi*) e dizem, respectivamente: “recebendo a paga da sua injustiça”, “eles receberão o galardão pela injustiça que causaram” e “recebendo o galardão da injustiça”. A maioria dos peritos textuais acredita que as evidências apontam para a palavra *ἀδικούμενοι* (*adikoumenoi*).

⁸O termo técnico para esse argumento é *a fortiori*, que significa “por uma razão ainda maior”.

Seguindo esta leitura, a RA diz: **recebendo injustiça por salário da injustiça que praticam**⁹. É interessante a ideia de que sofrer injustiças será a recompensa pela prática de injustiças. Isto sugere que ninguém tira proveito do pecado, nem mesmo nesta vida.

Aqueles que buscam prazer à custa de outros, para os quais a honestidade, a integridade pessoal e os princípios têm pouco valor, costumam perder os bons momentos que escolheram como prioridade na vida. Uma passagem da lei de Moisés muito discutida entre os comentaristas diz: “o vosso pecado vos há de achar” (Números 32:23). O versículo pode significar: “O pecado é seu próprio castigo” – um pensamento não muito diferente do de Pedro. A busca desenfreada pelo prazer faz o indivíduo descer a ladeira da desgraça e da ruína. O pecado é autodestrutivo. Deus elogia ou proíbe certos comportamentos de acordo com as consequências de vida ou morte que eles acarretam. Falando em termos negativos, o pecado não é o produto de prescrições arbitrárias impostas por um Deus caprichoso. Quem pratica o mal geralmente se torna uma pessoa que tem pouco prazer no sorriso de uma criança, pouca satisfação em realizar um ato de bondade. Na busca pelo prazer, essa pessoa se torna um ser totalmente miserável, consigo mesmo e com todos que têm contato com ele. Não é de admirar que esse indivíduo receba “injustiça por salário da injustiça que pratica”.

Os falsos mestres não trazem consequências devastadoras somente sobre si mesmos, eles também costumam corromper o corpo de Cristo. Misturando-se com o povo remido de Cristo, eles são como **nódoas e deformidades, eles se regalam nas suas próprias mistificações, enquanto banqueteam junto convosco**. O apóstolo parece estar reprovando seus leitores por não exporem os falsos mestres nem se apartarem deles. A RC diz “deleitando-se em seus enganos, quando se banqueteam convosco”.

O pecado não é menos destrutivo se praticado na escuridão da noite ou em plena luz do dia, porém, em plena luz do dia, ele sugere uma rendição obstinada e descarada. A embriaguez e tudo que a acompanha é uma criatura noturna (veja 1 Tessalonicenses 5:7). Existem dois aspectos nisso: um negativo e um positivo. Enquanto o indivíduo que pratica o pecado se sentir envergonhado, ele poderá ser atingido pela mensagem da cruz. Aqueles que con-

sideram **como prazer a sua luxúria carnal em pleno dia** já não se envergonham mais. Dependendo da motivação do indivíduo, esconder o pecado pode constituir uma fagulha de esperança ou uma máscara de hipocrisia. Uma pessoa pode esconder seu pecado por ter vergonha e querer mudar. Para essa pessoa há esperança. Outra, porém, pode esconder o pecado por querer louvores daquilo que na verdade não quer ser. Esta colherá o salário da hipocrisia.

Alguns manuscritos, trazem no lugar da palavra traduzida por “mistificações” (*ἀπάταις, apatais*), o termo “festas de amor” (*ἀγάπαις, agapais*). Este último termo foi evidentemente usado em Judas 12, sendo traduzido na RA por “festas de fraternidade”. É possível que Pedro tivesse em mente o contexto de uma refeição coletiva. Participar de uma refeição em comum é uma das maneiras mais universais pelas quais as pessoas celebram a comunhão íntima. Infelizmente, essa comunhão pode se degenerar em abuso. Paulo mencionou um tipo de abuso em 1 Coríntios 11:20 e 21. Pedro tratou de outro tipo. Quando os impiedosos e libertinos são bem-vindos à mesa juntamente com os que procuram respeitosamente honrar o Senhor, todos ali são pintados pelo traço do mesmo pincel. Aceitar o pecado, não levantar voz de protesto, é endossá-lo. Quando o pecado é tolerado na igreja, as pessoas que possuem Cristo não oferecem opção de santidade ao mundo. Os que estão fora de Cristo tendem a mostrar um sorriso forçado; os fracos na fé dentro do corpo tendem a se tornar cínicos e a flertar com a morte que o pecado traz.

Versículo 14. Pedro começou esta seção chamando a atenção das pessoas a quem ele descreveu como “falsos mestres”. Apesar disso, o caráter e o comportamento dessas pessoas é que eram o foco do apóstolo, e não o ensino que propagavam. Eram totalmente depravados, **tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado**. Apesar da tradição, o apóstolo não usou a palavra comum para “adultério” (*μοιχεία, moicheia*), embora possa ser esse o sentido. Literalmente, ele disse que os olhos daquelas pessoas estavam “cheios de uma adúltera” (*μοιχαλῖς, moichalis*).

Se levarmos a sério a palavra escolhida por Pedro, parece que ele estava dizendo que aqueles mestres só sabiam olhar para uma mulher como objeto de gratificação sexual. Assim como alguns que atualmente produzem ou gostam de pornografia, eles não viam a mulher como uma pessoa com quem se desenvolve um relacionamento significativo. Em vez disso, ela era um objeto a ser usado e descartado. Quem

⁹J. N. D. Kelly, *A Commentary on the Epistles of Peter and of Jude*, Black's New Testament Commentaries. Londres: Adam & Charles Black, 1969, p. 339.

age como os falsos mestres chega a ponto de ser incapaz de desenvolver um relacionamento de amor e troca com uma mulher. São “insaciáveis no pecado”.

O pecado só passa a ser tentação quando há nele uma força atrativa, um apelo. A maioria das pessoas, homens e mulheres, pode ter uma atração pela gratificação sexual pura e simples. Não é de admirar que os falsos mestres fossem capazes de seduzir **almas inconstantes**. A palavra traduzida por “engodando” (δελεάζω, *deleazo*) é usada somente aqui, em 2:18, e em Tiago 1:14. Significa “capturar com uma isca”. Assim como um pescador engana sua presa, os falsos mestres enganavam os espiritualmente imaturos. Num dado momento, os que são enganados se vêem capturados por um estilo de vida do qual não sentem desejo de sair. Tolerar a imoralidade pode “corroer como câncer” (2 Timóteo 2:17) o corpo até que o próprio cristão finja que não vê o pecado, dê de ombros ou ignore o problema. Em vez de apresentar um estilo de vida cristão ao mundo como uma alternativa à imoralidade sexual e ao pecado, a igreja pode se tornar um carimbo que autentica justamente o que é errado.

Os falsos mestres expuseram sua natureza ego-cêntrica de outras maneiras. Eles tinham o **coração exercitado na avareza**. Josefo atribuiu a invenção de pesos e medidas a Caim. Através desses instrumentos ele teria incitado a avareza entre seus semelhantes¹⁰. Afastados do caminho de Cristo, através de sua avareza, os falsos mestres haviam se tornado **filhos malditos**. O sexo e o dinheiro, ao que parece, exerciam uma força propulsora por trás do comportamento abusivo e exploratório tanto no mundo antigo, como no moderno. A palavra portuguesa “ginásio” tem raízes no grego traduzido por “treinado” (γυμνάζω, *gumnazo*). Os falsos mestres haviam se exercitado; entregando-se completamente ao desejo de saciar os apetites. O dinheiro era um meio para se chegar a esse fim.

Versículo 15. Quando Pedro disse que, abandonando o reto caminho, se extraviaram, ele sugeriu que os falsos mestres haviam começado a jornada cristã por motivos dignos. Assim como Himineu e Alexandre, naufragaram na fé (1 Timóteo 1:19, 20). Não basta aceitar Cristo, revestir-se de Ele no batismo e estar entre os remidos. A perseverança conduz à vida. Evidentemente, os falsos mestres permitiram que a ilusão das riquezas sufocasse a palavra; tornaram-se infrutuosos (veja Mateus 13:22). Jesus

¹⁰Flávio Josefo, *Antiguidades* 1.2.2.

advertira que era pequena a porta e estreito o caminho que conduz à vida (Mateus 7:14). Os falsos mestres preferiram o caminho largo. Enlaçados pela avareza, **seguiram pelo caminho de Balaão, filho de Beor**. Um caminho batido.

A história de Balaão começa em Números 22. Balaque, rei de Moabe, temia o povo de Israel acampado à sua porta. Ele mandou chamar o profeta Balaão solicitando que ele fosse até ele e amaldiçoasse Israel. Balaão respondeu que nada podia fazer sem as bênçãos de Deus. Então Deus lhe disse que Israel era um povo abençoado e que ele não deveria ir. Esse parecia ser o fim da história, mas Balaque viu a situação com outros olhos. Ele sabia o que mobilizava o povo: dinheiro e poder. Balaão deveria estar resistindo porque queria mais. Então Balaque enviou outros mensageiros, mais prestigiados do que os anteriores, com os quais prometeram mais dinheiro. O profeta deveria ter respondido: “Já te respondi. Deus me disse para não ir contigo”. Em vez disso, ele vacilou e ficou impressionado com a proposta. O valor parecia bom. Talvez conseguisse persuadir a Deus. Ele consultou Deus novamente e este disse: “Vá”. Assim como os falsos mestres referidos por Pedro, Balaão foi movido por avareza. Ele foi um protótipo daqueles que usam a religião em troca de ganho material.

Balaão também serviu de modelo para os falsos mestres de outra forma. Ele não amaldiçoou Israel. Ele não podia fazer isso porque Deus já havia abençoado a nação de Israel. Todavia, ele ofereceu um conselho a Balaque. Se Balaque atraísse Israel para os caminhos idólatras de Moabe, Deus ficaria furioso com eles. Balaque poderia seduzi-los. Balaque seguiu o conselho de Balaão, e Israel acabou caindo em pecado em Baal-Peor. Muitos israelitas morreram (Números 25:1-9). Mais tarde, quando as mulheres foram capturadas na guerra e Israel quis mantê-las como espólios de guerra, Moisés contestou: “Eis que estas, por conselho de Balaão, fizeram prevaricar os filhos de Israel contra o Senhor” (Números 31:16). Balaão prosseguiu tentando Israel com imoralidade sexual. Ele foi como um símbolo de avareza e sensualidade, os quais caracterizam os falsos mestres que Pedro confrontou.

Balaão é um personagem fascinante. Ele apareceu muitas vezes em debates dos judeus que datam do período do Novo Testamento. Balaão não era judeu; ele não estava acompanhando as pessoas chamadas do Egito com as quais Deus fez aliança. Entretanto, Balaão invocou Deus e chamou-O de Iavé, o nome pelo qual Deus Se fez conhecido a Is-

rael. Indagamos quantos outros existiram como Balaão, que adorou o verdadeiro Deus sem fazer parte do povo de Israel.

No fim, Balaão é mais conhecido não como profeta de Deus, mas como aquele que se vendeu pelo melhor lance. Filo, o judeu do primeiro século que viveu em Alexandria, Egito, ilustrou a insensatez de Balaão colocando estas palavras na boca do profeta:

Deus não fala falsamente como se fosse um homem, nem muda Seu propósito como o filho do homem. Quando Ele fala, é apoiado por Sua palavra. Pois Ele não diz nada que não venha a ser completamente consumado, visto que a Sua palavra também é o Seu realizar. Eu, de fato, fui aqui trazido para abençoar esta nação, e não para amaldiçoá-la.¹¹

À igreja em Pérgamo, Jesus disse:

Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição (Apocalipse 2:14).

Versículo 16. Em 2:12, Pedro comparou os falsos mestres com animais “irracionais”, incapazes de opinar. Agora parece que havia pelo menos um animal mudo, o **animal de carga** falante de Balaão, que demonstrou ter mais bom senso do que Balaão ou seus herdeiros espirituais. O relato de como a jumenta de Balaão falou é uma das histórias mais contadas da Bíblia. Gerações de crianças ouviram essa história na escola dominical. Para Pedro a jumenta falante era um símbolo da **insensatez** das pessoas que viram as costas para Deus por causa de sensualidade e para obter lucros.

Uma jumenta falante representa um problema para alguns que vivem no iluminado mundo ocidental de hoje. Para as pessoas do período do Novo Testamento, isso fazia parte do saber popular. Não é difícil encontrar na literatura antiga histórias mais estranhas do que a da jumenta que falou. Até um judeu falante de grego relativamente sofisticado como o historiador Flávio Josefo chegou a mencionar o presságio de uma vindoura destruição sobre Jerusalém, quando certo sacerdote trouxe uma novilha para ser sacrificada e, no meio do povo, esta deu à luz um cordeiro¹². Tudo indica que o historiador atribuiu um valor normal a essa estranha história.

¹¹Filo, *Vida de Moisés* 1.283.

¹²Flavio Josefo, *Guerras* 6.5.3.

PROMESSA DE LIBERDADE A ESCRAVOS DA CORRUPÇÃO (2:17–22)

¹⁷Esses tais são como fonte sem água, como névoas impelidas por temporal. Para eles está reservada a negridão das trevas; ¹⁸porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnis, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro, ¹⁹prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor. ²⁰Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. ²¹Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado. ²²Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: **O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal.**

O apóstolo renovou o ataque aos falsos mestres com veemência. Ele estava preocupado com o impacto que eles exerciam sobre os novos convertidos a Cristo. Influenciados pelos falsos mestres, os cristãos novos na fé poderiam cair num estado pior do que o que se encontravam antes de ouvirem a respeito de Cristo. Nestes versículos, Pedro nos forneceu um vislumbre da mensagem que os falsos mestres proferiam. Parece que a liberdade era o tema abordado por eles – liberdade de limitações morais, liberdade da lei. A ironia era que em nome da liberdade, eles se enredaram num comportamento escravizante. A escravidão ao pecado era um senhor muito mais exigente do que Cristo.

Versículo 17. Este versículo emprega uma força maior quando consideramos a escassez de água que havia em Canaã e em grande parte do Oriente Próximo. Há muitas menções de fontes e mananciais na Bíblia. Do lado de fora de Jerusalém, no vale de Cedrom, ficava a fonte Giom, onde Salomão foi ungi-do rei de Israel (1 Reis 1:33–35). Mais tarde, Ezequias construiu um canal e desviou as águas da fonte de dentro dos muros para o que veio a ser o Poço do Siloé (2 Reis 20:20; 2 Crônicas 32:30). Na estação de chuvas essas fontes jorravam, mas para nada serviam na época de estiagem. **Como fonte sem água, como névoas impelidas por temporal**, os falsos

mestres prometiam muito, mas não ofereciam nada.

Quando Pedro mencionou “névoas impelidas por temporal”, ele mudou a figura de linguagem sutilmente. Os falsos mestres eram como névoas sopradas do oeste, que prometiam chuva, mas se dissipavam com o calor do dia. Ambas as ilustrações demonstram a insensatez de acreditar nas primeiras impressões. Os falsos mestres, sem dúvida, podiam causar fortes impressões; tinham uma prosa convincente e um jeito sedutor. Os cristãos costumam ser vulneráveis a professores bem apresentáveis com palavreado manso. Os seguidores de Cristo aprendem a ser pessoas boas e, por isso, confiam e querem ser confiáveis.

Um dos grandes atrativos do reino de Deus é o fato de ser ele uma comunidade de indivíduos amantes da paz e afetuosa, que oferecem a todos o benefício da dúvida. Pedro advertiu seus leitores de que, por amor ao reino, haveria situações em que seria preciso desconfiar e questionar. João escreveu: “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (1 João 4:1). Paulo advertiu: “E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles” (Atos 20:30). Os anjos que pecaram foram lançados em abismos de trevas até serem julgados (2:4). No fim, os falsos mestres serão confinados na **negritão das trevas** que para eles foi **reservada**, porém nesse ínterim os crentes deveriam julgar todos que aparecessem trazendo-lhes novas mensagens. Não deveriam tecer um parecer baseado na primeira impressão. Assim como fontes na estação de chuvas ou névoas dissipadas pela tempestade, o que parece promissor pode se revelar comprometedor e terrivelmente destrutivo.

Versículo 18. Um orador eloquente pode ser uma grande bênção para a igreja, mas falsos mestres também são excelentes usuários da retórica quando querem desviar pessoas. Um discurso impressionante aliado a incitações para abrir mão de toda forma de restrição ou limitação pode deixar as pessoas impressionadas. Os falsos mestres, **proferindo palavras jactanciosas de vaidade**, conseguiram **engodar com paixões carnisais**. A mesma palavra “engodar”, já foi usada em 2:14. Esse vocábulo grego carrega o sentido de isca e anzol. O que à primeira vista parece sedutor, pode ser um instrumento de morte.

As palavras de Pedro são altamente descritivas e raras. Algumas delas não ocorrem em outros tre-

chos do Novo Testamento. A palavra traduzida por “proferindo palavras” já foi usada para a jumentada de Balaão (2:16). Ela só volta a ocorrer no Novo Testamento em Atos 4:18. Geralmente, contém o sentido de uma oratória bombástica e em voz alta. Para se fazer claro, Pedro disse que as palavras dos falsos mestres eram “jactanciosas” ou “de vaidosa arrogância” (NVI) (ὑπέρογκος, *hyperonkos*). Esse adjetivo costuma descrever algo que é extremamente soberbo. As palavras desses enganadores eram grandiosas e pretensiosas e, ao mesmo tempo, inúteis.

Ainda que os mais maduros na fé reconhecessem os falsos mestres pelo que eles eram, através dos apelos às “paixões carnisais” e de **suas libertinagens**, os falsos mestres tinham êxito ao enganar e enredar **aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro**. É difícil definir o sentido exato de “libertinagens” na frase. Pode ser que os falsos mestres apelavam tanto para as “paixões carnisais” como para as “libertinagens” dos novos convertidos. Por outro lado, Pedro poderia estar dizendo que as “libertinagens” dos próprios falsos mestres eram um meio de enganarem os recém-convertidos. Uma coisa é evidente: tanto no mundo antigo como no moderno, quem ainda é jovem e inexperiente na fé está, particularmente, suscetível aos falsos ensinamentos. São presas nas mãos dos falsos mestres.

Versículo 19. Os comentaristas costumam plantar forçadamente um suposto gnosticismo do segundo século na descrição que Pedro faz de seus adversários. O gnosticismo é um sistema filosófico complexo que envolve muitas coisas para serem examinadas nesta altura¹³. É verdade que alguns gnósticos defendiam um sistema ético livre de restrições morais, mas relacionar a referência de Pedro à promessa de liberdade com a ética gnóstica é dar um salto maior que a perna. Se, como já sugerimos na Introdução desta série, 2 Pedro e Judas foram escritas para a comunidade judaico-cristã que vivia na Palestina e Síria, essas duas cartas se encaixam bem no pouco que sabemos a respeito do cristianismo judaico do período que culminou na guerra judaica de 66–70 d.C.

¹³Sugerimos as seguintes leituras para consulta sobre o assunto: Edwin M. Yamauchi, *Pre-Christian Gnosticism: A Survey of the Proposed Evidence*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1973; Simone Pétrement, *A Separate God: The Origins and Teachings of Gnosticism*, trad. Carol Harrison. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1984; Kurt Rudolph, *Gnosis: The Nature & History of Gnosticism*, trad. P. W. Coxon e K. H. Kuhn, ed. Robert McLachlan Wilson. San Francisco: Harper & Row, Publishers, 1987.

A viagem de Paulo a Damasco para levar à prisão judeus crentes (Atos 9:1, 2) sugere que a mensagem cristã havia se infiltrado em comunidades judaicas daquela região. Na Biblioteca de Nag Hammadi, uma coletânea de textos gnósticos do cristianismo primitivo, são feitas várias correlações entre Tiago, o cristianismo judaico, a Síria e o gnosticismo¹⁴. Dentro das primeiras décadas após a introdução do cristianismo, alguns judeus crentes da Síria/Palestina levaram ao extremo os ensinamentos de libertação da circuncisão e de outros aspectos cerimoniais da lei de Moisés, afirmando que nenhuma lei limitava ou restringia os cristãos. Podem ter sido influenciados pela filosofia pagã comum naquele período. Com o tempo, o ensino deles contribuiu para o desenvolvimento de sistemas gnósticos, porém, no momento em que Pedro escreveu, esse processo estava só começando.

Os falsos mestres enganaram cristãos novos na fé **prometendo-lhes liberdade**. “Liberdade” é uma palavra importante no Novo Testamento. Jesus disse que a verdade libertaria o Seu povo (João 8:32, 33). Paulo declarou intrepidamente: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou” (Gálatas 5:1). Pode-se impor servidão à força, mas essa não é a única maneira de se perder a liberdade. Alguns são escravizados pela ignorância; outros, por regras e regulamentos inventados por homens e ainda há outros que são escravizados pela busca por satisfação e pelos apetites carnis. Pedro disse que justamente os mestres que prometeram “liberdade” eram **eles mesmos... escravos da corrupção**.

O apóstolo abriu uma perspectiva psicológica maravilhosa aos seus leitores: **pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor**, ou seja, “o homem é escravo daquilo que o domina” (NVI). Pedro tinha em vista vícios e pecados graves. A permissividade sexual também pode escravizar. Ela pode roubar das pessoas lares seguros e a alegria de ver seus filhos crescerem até a idade adulta. Pessoas que se tornam escravas de seus hábitos sexuais muitas vezes acabam por colher os resultados destrutivos e lamentáveis de seu estilo de vida. Querem sair daquilo, porém estão tão enredadas que não sabem como sair. A mesma situação se aplica à avareza, ao álcool ou outra dependência química e à amargura. Os limites ou restrições que Jesus impõe aos Seus

seguidores visam a uma vida boa, feliz e plena.

Versículo 20. Pedro continuou a demonstrar preocupação com a influência dos falsos mestres sobre os novos convertidos a Cristo. Gramaticalmente, os pronomes nas frases **depois de terem escapado** e **se deixam enredar de novo** podem se referir aos falsos mestres ou aos espiritualmente imaturos a quem eles influenciaram. O que o apóstolo disse se aplicava igualmente a apóstatas, fossem eles participantes da rebeldia dos falsos mestres ou cristãos relativamente novos na fé, enganados e mal informados. Em qualquer um desses casos, **tornou-se o seu último estado pior que o primeiro**. Todavia, este versículo apresenta uma advertência; ele expressa preocupação. Para os próprios falsos mestres, era tarde demais para advertências. Eles seriam “destruídos” (2:12). Eram “nódoas e deformidades... filhos malditos” (2:13, 14). A advertência deste versículo é para as “almas inconstantes” (2:14), especialmente os novos convertidos. Se esses cristãos seguissem a orientação dos mestres que se opunham aos apóstolos, acabariam numa situação pior do que estavam antes de ouvirem o evangelho.

Para Pedro, tornar-se cristão equivalia a **terem escapado das contaminações do mundo**. A palavra vertida para “contaminações” (μίαισμα, *miasma*) só ocorre aqui no Novo Testamento. Refere-se a contaminação moral, feitos vergonhosos destrutivos tanto para o próprio indivíduo como para seus semelhantes. O “mundo”, o comportamento geral da maioria das pessoas, inclina-se para a corrupção. Seguir o curso do mundo conduz a tristeza e desgraça aos olhos de Deus e de outros crentes. Destroi o encanto pela vida à medida que faz o indivíduo focar a alma em si mesmo. Quando uma pessoa ouve e atende o evangelho de Cristo, o Senhor a tira do pântano do pecado. Ela é reconciliada com Deus; escapa do caminho que polui e contamina. O mundo, a diversão que ele promete, seus atrativos egocêntricos, seu desdém pela santidade, corrompe e engana. Depositar a fé em Cristo é escapar dessa vergonha.

Escapamos da corrupção do mundo **mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo**. A mensagem proferida por Pedro e as outras testemunhas apostólicas era o “conhecimento” cuja fonte estava em Cristo. Outros reivindicavam ter conhecimento, mas este não passava de esperteza em causa própria. Nas palavras de João, os crentes precisam “provar os espíritos” (1 João 4:1). Há tempo para ouvir e aprender de um mestre, mas ouvir sem criticar pode nos levar a ser “enredados

¹⁴A Biblioteca de Nag Hammadi consiste numa coletânea de textos gnósticos descoberta no Egito, na década de 1940. (John Painter, *Just James: The Brother of Jesus in History and Tradition*. Minneapolis: Fortress, 1999, pp. 159–81.)

de novo” e **vencidos** pelas mesmas contaminações das quais antes escapamos. Aqueles que acabaram de ser transportados do mundo para uma vida centrada em Cristo estão suscetíveis a serem seduzidos pelos falsos mestres, especialmente os que prometem uma salvação fácil e livre de exigências.

É surpreendente o que Pedro disse sobre os que abandonaram o mundo: “tornou-se o seu último estado pior que o primeiro”. Antes de se tornarem cristãos eles estavam perdidos e sem esperança e eram filhos da ira. Se abandonaram o mundo, como seu estado poderia se tornar pior? Só podemos especular quanto ao processo que os deixou num segundo estado pior. Jesus declarou: “Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão” (Lucas 12:48). Muito foi confiado ao que adquiriu “o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Ele “provou o dom celestial” (Hebreus 6:4). No juízo final, quando o Senhor voltar, ele responderá pelas oportunidades perdidas e promessas não cumpridas. Seu castigo será mais severo do que o de quem teve poucas oportunidades para ir até o Salvador. Convém, porém, não especularmos sobre como esse castigo será mais severo.

Uma coisa é evidente tanto no ensino de Jesus quanto no ensino dos apóstolos: quem está em Cristo tem a opção de permanecer ou não no Senhor. O fato de uma pessoa ter estado em Cristo não garante que ela permanecerá em Cristo. A doutrina popularmente difundida na fórmula “uma vez salvo, sempre salvo” não é um ensino bíblico. Paulo exprimiu sua preocupação com a possibilidade de, após ter pregado a outros, não viesse ele mesmo “a ser desqualificado” (1 Coríntios 9:27). Jesus contou uma parábola sobre um homem em quem havia um espírito imundo. O espírito saiu dele e achou outra habitação compatível. Voltando, descobriu que o homem não havia preenchido sua vida com nada de bom. Ele estava pronto e receptivo para a volta do espírito mau, o qual trouxe com ele mais sete espíritos imundos. A parábola ensina que é possível uma pessoa ser purificada e depois retornar aos antigos pecados (Mateus 12:43–45).

Versículo 21. O apóstolo expandiu e esclareceu a última frase do versículo anterior. Ele falou duas vezes sobre conhecimento. A preocupação continua sendo com “aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro” (2 Pedro 2:18). Conhecer a Cristo equivale a depositar a fé nEle, ir até Ele, obedecer a Ele e, assim, encontrar vida. Para aqueles que

seguiram os falsos mestres, **melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento.** Em Atos, o segundo livro de Lucas, a igreja de Jesus Cristo é chamada muitas vezes simplesmente de “o Caminho” (Atos 9:2; 19:9, 23; 22:4; 24:22). Para Pedro, era “o caminho da verdade” (2 Pedro 2:2); “o reto caminho” (2 Pedro 2:15) e “o caminho da justiça”.

“O santo mandamento” representa a instrução, incluindo os imperativos e as exigências de um viver santo inerentes ao evangelho. Pedro usou a palavra “mandamento” no lugar de evangelho porque as questões levantadas pelos falsos mestres tinham a ver com a lei. Eles prometiam “liberdade”, sendo “escravos da corrupção” (2:19). O primeiro passo do afastamento de Cristo, do abandono do “primeiro amor” (Apocalipse 2:4), é irritar-se com as restrições da lei. As exigências do evangelho não são arbitrárias. Deus não decidiu que seria bom dificultar a vida dos Seus filhos para provar sua lealdade. Como no passado, Deus impõe leis “para o nosso bem” (Deuteronômio 6:24). Elas não são pesadas (1 João 5:3); elas orientam o viver em caminhos de alegria e paz.

Aqueles que experimentam a bondade, a esperança e a comunhão da vida cristã e depois voltam para o caminho da indulgência carnal ficam mais endurecidos no pecado do que eram antes de conhecerem “o caminho da justiça”. Sabem a diferença entre viver como Cristo e ceder às paixões carnis. Depois de experimentarem as duas coisas, optaram conscientemente pela segunda alternativa. Tanto antes de conhecerem a Cristo como depois de abandonarem “o santo mandamento”, estavam perdidos no pecado, porém seria infinitamente mais difícil alcançá-los com a mensagem do evangelho uma segunda vez. Teria sido melhor para eles nunca terem “conhecido o caminho da justiça”.

Pedro disse que “o santo mandamento” **lhes fora dado.** Os apóstolos vieram a conhecer o caminho da verdade mediante as palavras do Antigo Testamento, o ensino de Jesus e a revelação do Espírito Santo. Aos demais seguidores de Jesus o caminho “lhes foi dado”. Há dois mil anos “o caminho da justiça” é dado de geração em geração. A responsabilidade dos que conhecem a Cristo é transmitir a mensagem do evangelho à próxima geração. Pais e mães devem ensinar seus filhos. O lar e a igreja juntos devem atingir os que ainda não conhecem a verdade e conduzir muitos ao “caminho da justiça”.

Deus não tem outro plano para a perpetuação da vida entre as pessoas do mundo se não a transmissão da Palavra. Sendo um povo, a igreja tem a missão de pregar o evangelho a todas as nações. Que ela jamais falhe nessa tarefa!

Versículo 22. A visão de uma alma se desviando de Cristo e voltando a saciar a carne não é nada atraente. Aquele que prefere o pecado à santidade é como um **cão** que **voltou ao seu próprio vômito**; é como uma **porca lavada** que **voltou a revolver-se no lamaçal**. Pedro recorreu a dois provérbios judaico-helenistas bem conhecidos, embora um deles seja uma extração direta da Escritura: “Como o cão que torna ao seu vômito, assim é o insensato que reitera a sua estultícia” (Provérbios 26:11). Cães e porcos eram animais impuros segundo a lei. Jesus também usou esses dois animais para ilustrar uma lição (Mateus 7:6).

Por que Pedro foi tão cruel na sua forma de tratar os falsos mestres? Não seria melhor ser bondoso, esperando “salvá-los, arrebatando-os do fogo” (Judas 23)? “Bondade não é a primeira palavra que nos vem à mente quando lemos 2 Pedro 2. Certamente há tempo para sermos bondosos, mas há ocasiões em que precisamos falar claramente. Jesus fez inimigos porque falou claramente aos que se opunham à verdade (Mateus 23). Um cristão jamais deve usar as palavras de Jesus ou de Pedro para justificar ataques pessoais e cruéis. Por outro lado, quem ama o Senhor, quem crê que Seus mandamentos são santos, inevitavelmente se enche de uma indignação justa quando homens com uma intenção pretensiosa impõem sua vontade no lugar da vontade do Senhor. Os falsos mestres que Pedro confrontou não eram um mal isolado e contido. Eram uma doença que se alastrava e ameaçava desviar os pecadores remidos de volta à vida da qual tinham acabado de escapar. Pedro ficou irado quando, no nome de Cristo, aqueles homens impiedosos blasfemaram contra os desígnios de Cristo. Ele se entristeceu pelos que haviam sido arrastados de novo para o mundo, como um cão que volta ao próprio vômito. Sua advertência à igreja foi dita em termos claros e severos. Tinha de ser assim.

APLICAÇÃO

Quando o Caminho de Cristo É Difamado (Cap. 2)

Confrontações são desagradáveis. A maioria de nós as evita sempre que possível. Infelizmente, há

situações em que evitar uma confrontação é equivalente a covardia. Coisas terríveis acontecem quando homens e mulheres de boa índole, que sabem o que é melhor, acomodam-se silenciosamente e permitem que indivíduos interesseiros e egoístas assumam o comando. “Como fonte contaminada ou nascente poluída, assim é o justo que fraqueja diante do ímpio” (Provérbios 25:26; NVI). Para que a igreja honre a Deus e para que suas doutrinas sejam mantidas puras, boas e conhecidas, os cristãos precisam ter coragem de falar. Os falsos mestres haviam trapaceado alguns dos destinatários de Pedro, porém havia outros que simplesmente estavam agindo com passividade. O apóstolo queria convocar os fiéis a defenderem a verdade.

Eles Fazem Comércio de Nós (2:1–3)

Em grandes centros urbanos é comum mendigos se aglomerarem nas calçadas. Certa vez, depois de ter passado várias vezes por uma dessas ruas no centro de Nova York, notei que uma mulher que eu sempre vira pedindo esmolas estava vendendo canetas. Fiquei impressionado. Pelo menos ela estava tentando realizar algum trabalho, em vez de simplesmente pedir doações. Paguei pelo preço que ela cobrou e ainda acrescentei um pouco mais, levei as canetas para o meu apartamento e abri as embalagens. Todas as canetas estavam completamente secas. Hoje posso rir disso, mas não foi assim naquele momento. Não era a primeira vez (nem a última) que eu era enganado. Uma das coisas mais difíceis para a maioria de nós é encarar com bons olhos o fato de ser trapaceado.

Quando Pedro descreveu os falsos mestres que espalhavam discórdia entre as igrejas, ele praticamente disse a seus leitores: “Alguns de vocês estão sendo trapaceados”. Ficamos curiosos para saber que tipo de “caneta” eles estavam vendendo, mas isso não faz diferença. As doutrinas que enganam mudam de geração para geração. O engano, porém, é constante. Os frutos e o estilo de vida dos falsos mestres são mais relevantes. Seria interessante se Pedro tivesse descrito a doutrina desses mestres, porém é mais proveitoso sermos instruídos sobre como podemos nos preparar para lidar com here-sias em geral. Jesus disse que os falsos profetas seriam identificáveis através de seus frutos (Mateus 7:15, 16). Tal qual Jesus, Pedro estava mais preocupado com os frutos dos falsos mestres do que com suas doutrinas específicas.

As Práticas Libertinas dos Falsos Mestres (2:2, 18)

No mundo antigo e no moderno, é fácil conquistar seguidores quando se ilude as pessoas a seguirem seus desejos carnisais com a convicção de que estão fazendo a coisa certa. Essa é a mensagem do romance *O Código Da Vinci*, popularizado em 2006. O autor dessa obra induz os leitores a acreditarem que a igreja anulou desnecessariamente a sexualidade sadia. Isso está longe de ser verdade. Na análise que fizeram de *O Código da Vinci*, James L. Garlow e Peter Jones citaram C. S. Lewis, que escreveu:

É um erro dizer que um homem que ronda as ruas da cidade está “querendo uma mulher”. Especificamente, não é uma mulher o que ele quer. Ele quer o prazer do qual a mulher constitui uma parte indispensável. Pode-se medir o quanto ele se preocupa com a mulher através de sua atitude para com ela cinco minutos após saciar seu desejo (não se guarda a carteira de cigarros depois de fumar todos os cigarros).¹⁵

Liberdade e Limites (2:19)

Para que a liberdade seja uma bênção ela tem de funcionar dentro de limites ou restrições. Isto se aplica a questões físicas e também a espirituais. Sem os limites da gravidade, por exemplo, a vida seria impossível. A gravidade limita nossa liberdade, num sentido, mas sem ela não funcionaríamos. Imagine-se flutuando acima dos telhados, incapaz de descer. Os pássaros e os aviões voam, mas quando querem descer ao solo, a gravidade está ali. Semelhantemente, liberdade sem restrições no campo moral significaria indivíduos sem direção na vida. O certo e o errado não significariam nada para o indivíduo nem para o seu semelhante. Imagine-se não conseguindo confiar que alguém lhe diga a verdade porque as pessoas são livres para dizer o que quiserem. Imagine-se tendo que manter os olhos fitos em tudo o que possui, o tempo todo, porque não há nada de errado com o roubo.

Os cristãos são um povo livre, porém exercitam sua liberdade dentro dos limites impostos por Deus. Os falsos mestres que ameaçavam as igrejas a quem Pedro escreveu seduziram a mente de alguns cristãos prometendo mais liberdade do que a oferecida pelos apóstolos. Pedro disse que embora eles promettessem liberdade, “eles mesmos [eram] escravos da corrupção”. A seguir, ele acrescentou uma ver-

dade universal: “aquele que é vencido fica escravo do vencedor” (2:19). Paulo disse algo semelhante: “Desse mesmo a quem obedecéis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça” (Romanos 6:16). Talvez o maior perigo do pecado geralmente não seja identificado. Às vezes, quando uma pessoa está pronta para abandonar o pecado, este não quer deixá-la. Disse um sábio da antiguidade: “...nem tampouco a perversidade livrará aquele que a ela se entrega” (Eclesiastes 8:8).

Contaminações do Mundo (2:20–22)

Uma das obras literárias mais influentes foi produzida por um italiano do quarto século chamado Dante. Sua famosa obra intitula-se *A Divina Comédia*. Nela ele se retrata fazendo um passeio pelo céu, pelo purgatório e pelo inferno. O passeio pelo inferno é narrado no capítulo “O Inferno”. No alto de um portal que dava para o inferno, na visão de Dante, estavam os dizeres:

Por mim se vai à cidade dolente.
Por mim se vai à eterna dor,
Por mim se vai à perdida gente.
Justiça moveu o meu Alto Criador
Que me fez com o divino poder,
O saber supremo e o primeiro amor.
Antes de mim coisa alguma foi criada
Exceto coisas eternas, e eterna eu duro.
Deixai toda esperança, ó vós que entraís!¹⁶

Na Bíblia, Deus deixou claro que o pecado não perdoado resultará em morte eterna, separação de Deus no mundo por vir. Um fato que pode passar despercebido é que o pecado também traz consequências para esta vida. Parte do castigo do pecado é experimentada no mundo em que vivemos. Essa é a mensagem do apóstolo Pedro em 2 Pedro 2:20–22. Ele queria que seus leitores reconhecessem as seguintes verdades:

1) *A pessoa que vive uma vida egoísta e centrada nos próprios desejos escolheu um caminho que conduz a sofrimento e morte.* Para entendermos as palavras de Pedro convém inseri-las no contexto da carta como um todo. Os falsos mestres tinham invadido as igrejas a quem Pedro se dirigia na carta. O apóstolo não falou muito sobre o que eles ensinavam, mas podemos perceber alguns detalhes: a) os que se opunham

¹⁵Citado por by James L. Garlow e Peter Jones, *Desmascarando o Código da Vinci*. São Paulo: AD Santos, 2004, p. 38.

¹⁶Dante Alighieri, *A Divina Comédia*. “O Inferno”, Canto III, p. 7. Trad. Helder I. S. da Rocha. Autor Independente: São Paulo, 1999, p. 46.

a Pedro alegavam ter um conhecimento especial. Pensavam que sabiam mais que os apóstolos. Diziam que seu conhecimento era o caminho para Deus. b) Podem ter alegado que anjos e poderes espirituais estavam do lado deles. Tanto Pedro como Judas mencionaram anjos que Deus precipitou e entregou a abismos de trevas para ali aguardarem pelo julgamento. c) Eles queriam “espiritualizar” a segunda vinda. Ensinavam que não seria um acontecimento real. Provavelmente afirmavam que quando uma pessoa vai até Deus, para ela o Senhor já havia voltado. Pedro escreveu que “virão escarneceadores... dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação” (2 Pedro 3:3, 4).

Por mais preocupantes que fossem todos esses ensinamentos, Pedro entendia que era o comportamento dos falsos mestres que comprometia o evangelho ao máximo. A linguagem do apóstolo era veemente: “tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado, engodando almas inconstantes, tendo coração exercitado na avareza, filhos malditos” (2 Pedro 2:14).

Pedro disse a seus leitores que, embora os falsos mestres prometessem liberdade, o resultado da vida que eles defendiam era escravidão e morte. “Prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor” (2 Pedro 2:19). Jesus disse algo semelhante: “Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado” (João 8:34). Paulo expôs a mesma verdade deste modo: “Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?” (Romanos 6:16).

Algumas liberdades acabam por restringir necessariamente outras liberdades. Se um indivíduo quer ser livre para pegar o que pertence a outro, ser um ladrão, ele não está livre para ser um cidadão honesto e respeitado. Se um indivíduo é livre para se relacionar sexualmente fora do casamento, ele não está livre para ter um relacionamento de amor e confiança com um cônjuge. Pedro inspirou-se na experiência comum quando insistiu que desobedecer a Deus é muito mais pesado, muito mais desgastante, muito mais limitador para a liberdade de um ser humano, do que as restrições ou limites da vida cristã. Os mandamentos de Deus não são pesos que os cristãos carregam. São diretrizes que os guiam e

dão vida. João disse isso com estas palavras: “Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os Seus mandamentos. Porque este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos; ora, os Seus mandamentos não são penosos” (1 João 5:2, 3).

2) *Viver impiedosamente não é como ligar ou desligar um interruptor de luz de acordo com a própria vontade.* As pessoas às vezes falam como se pudessem voltar a Deus com uma pureza original toda vez que pecam. Não funciona assim. Pedro afirmou que toda vez que uma pessoa se desvia do caminho de Deus, algo acontece com ela. Cada opção pelo pecado significa que alguém receberá as consequências de seus efeitos danosos. A cada rebeldia, o pecador se entrega com mais ou menos reservas. Voltar para o caminho de Deus vai ficando mais difícil. Ninguém, depois de conhecer a Deus e abandonar o mundo, se aproxima de Deus novamente com a mesma facilidade da primeira vez.

O pecado vai se solidificando cada vez que se cede a ele. Pedro disse que quando uma pessoa abandona Deus e vai para o mundo, ela fica num estado pior do que o que se encontrava antes de crer pela primeira vez.

Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado.

Este é um pensamento assustador.

O pecado opera no coração de um indivíduo como uma bola de algodão presa a um anzol. Cada vez que se retira esse anzol da água, ele volta com menos filamentos do chumaço de algodão. Cada vez o pecado vai deixando o indivíduo um pouco mais acovardado, um pouco menos sensível à piedade. Vai ficando difícil ele se arrepender e voltar para Deus, quando já não consegue reconhecer ou se importar com o que diz respeito à piedade e Deus. Na versão inglesa *New International Version*, Eclesiastes 8:8b diz: “Assim como ninguém é dispensado em tempos de guerra; a maldade não livra aqueles que a praticam”.

Quando uma pessoa namora o pecado, supondo que sempre vai poder voltar para Deus um dia, ela não calculou como o pecado pode afetá-la. Uma

vida de satisfação à carne pode resultar num estado em que uma pessoa não tem sequer vontade de buscar a Deus. Talvez seja isso o que o autor de Hebreus quis dizer quando escreveu: “Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados” (Hebreus 10:26).

3) *Vidas mundanas de carnalidade e cobiça exigem um preço a ser pago tanto neste mundo como no mundo por vir.* Existe uma escravidão, uma servidão ao pecado nesta vida e na eternidade que são muito mais exigentes do que a servidão que o Senhor pede aos Seus seguidores. A Bíblia tem muito a dizer sobre o chamado ao discipulado. Levar o nome de Jesus de Nazaré é algo seriíssimo. Paulo disse que ser cristão é oferecer o corpo em sacrifício vivo (Romanos 12:1).

É importante para o cristão obedecer aos mandamentos do Senhor. Entre eles estão: cuidar de um semelhante em necessidade, ser um bom pai e uma boa mãe, incentivar a comunidade do povo de

Deus, a igreja de Cristo, adotar um código de valores morais. Mentir, roubar, praticar imoralidade sexual, trapacear ou tirar vantagem em negócios e dezenas de atos semelhantes praticados pelo mundo são errados. Tornar-se cristão significa defender o que é certo e fazer inimigos entre aqueles que odeiam a justiça. Há um peso de responsabilidade em ser cristão.

Embora Jesus tenha ordenado que as pessoas avaliem o custo de ser cristão, Ele também disse: “Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma” (Mateus 11:29).

Conclusão. A mensagem de Pedro é que o castigo pelo pecado não está totalmente reservado para o mundo por vir. Tenho visto e conversado com pessoas que afirmam que o inferno já é nesta vida para elas. O tipo de vida que essas pessoas têm levou-as a consequências terríveis. Todavia, o castigo pelo pecado é mais do que isso. Haverá um julgamento final, cujas consequências se prolongarão pela eternidade.

Autor: Duane Warden
© A Verdade para Hoje, 2016
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS